



## O corpo surdo no discurso humorístico -a LIBRAS como saber-poder

*The deaf body in the humorous discourse - LIBRAS as knowledge-power*

Silvana Tobias Oliveira\*  
Universidade Federal da Grande Dourados  
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

Silvia Mara de Melo\*\*  
Universidade Federal da Grande Dourados  
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar como os corpos dos sujeitos surdos são capturados pelo saber linguístico no discurso humorístico e como produzem estigmas nas relações de poder-saber. Para atingir nosso propósito, filiamos-nos tanto a conceitos da Análise do Discurso Foucaultiana, especificamente, quanto aos procedimentos teórico-metodológicos, quanto a autores dos Estudos Culturais. Como metodologia vamos nos deter na descrição dos enunciados (re) produzidos no vídeo *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados* no *Youtube*, a fim de examiná-los. Para atendermos ao nosso objetivo, escolhemos enunciados e fotogramas selecionados por ferramenta de captura, em que observamos a relação de saber-poder entre os surdos humoristas presentes na cena humorística do canal *Desconfinados*. A cena enunciativa mostra como o Surdo é capturado por existência/resistência identitária incorporada pelo saber linguístico da Libras e assistencialismo público e como esses saberes constituem relações de poder entre os próprios surdos e sujeitos ouvintes que desconhecem a Libras, inculcando o que se chama de cultura, identidade surda e práticas de inclusão no espaço público/midiático.

**Palavras-chave:** Saber linguístico. Sujeito Surdo. Libras. *Desconfinados*.

**Abstract:** This paper aims to analyze how the bodies of deaf subjects are captured by linguistic knowledge in humorous discourse and how they produce stigmas in power-knowledge relations. To achieve our purpose, we followed concepts of Foucauldian Discourse Analysis, specifically with regard to theoretical and methodological procedures, as well as authors of Cultural Studies. As methodology we focused on the description of the (re) produced enunciates in the video *Surdos no Metrô*, from the *Youtube* channel *Desconfinados*, in order to examine them. To meet our goal, we chose enunciates and frames selected by capture tool, in which we observed the knowledge-power relationship between the deaf humorists present in the humorous scene of the channel *Desconfinados*. The enunciative scene shows how the Deaf is captured by identity existence/resistance embodied by the linguistic knowledge of Libras and public welfare and how these pieces of knowledge constitute power relations between the Deaf themselves and hearing subjects who do not know Libras, instilling what is called culture, Deaf identity and inclusion practices in the public/media space.

**Keywords:** Linguistic knowledge. Deaf Subject. Libras. *Desconfinados*.

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: sil\_oliveira94@hotmail.com.

\*\* Doutora em Linguística E Filologia a Língua Portuguesa e professora adjunta na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: smaramelo2012@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Tratar do sujeito surdo no campo humorístico implica uma série de concepções enraizadas historicamente na formação educacional e cidadã deste sujeito e que perpassam pelas concepções de língua e sujeito estabelecidas e legitimadas em forma de Lei, como a nº 10.436/02 (BRASIL, 2002), e o Decreto nº 5626/05 (BRASIL, 2005), que institui a educação bilíngue e cursos de formação de Libras nas universidades e faculdades. Daremos ênfase na noção de que o Surdo se constitui como tal a partir da sua interação em Libras no campo humorístico e não apenas isso, mostrar como esse sujeito incorpora enunciados acerca de si por meio de enunciados da inclusão, identidade e práticas de interação entre seus pares no discurso humorístico, especificamente o recorte do vídeo *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados*.

Nesta perspectiva, adotamos as noções de língua e sujeito dentro da perspectiva discursiva-analíticas elucidadas por Michel Foucault em *Arqueologia do saber e Ordem do Discurso*, a fim de analisar como o sujeito surdo é subjetivado pelo saber linguístico no discurso humorístico. Com isso, escolhemos o recorte da cena enunciativa e humorística, em que o sujeito Surdo, ao sair do *Subway*, encontra um grupo de surdos e ele relata, em Libras, o ocorrido no estabelecimento com os dois atendentes, demonstrando que o Surdo soube “driblar” as barreiras linguísticas e atitudinais existentes entre eles, ganha o lanche e, ainda, incentiva os colegas a irem também solicitar a gratuidade do alimento, demarcando a comicidade através das relações de saber-poder linguístico exposto através do corpo. Para isso, mobilizamos, também, algumas noções como língua, sujeito, corpo, identidade pela perspectiva dos Estudos Culturais, Estudos Surdos, Semiologia histórica e Estudos linguísticos da Libras. Além disso, tratamos de teóricos do humor e do riso, com o intuito de mostrar como o surdo é posicionado e como a Libras se constitui enquanto língua a partir das descrições gramaticais-discursivas e como corpo é disposto de enunciados que estão presentes no discurso socioantropológico e inclusivo (Direitos Humanos) da surdez e como o humor se apropria desses discursos.

### 1.1 O SABER LINGUÍSTICO EXPRESSO NO CORPO SURDO NO CAMPO HUMORÍSTICO

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado e versa sobre a constituição de saberes sobre a surdez e a Libras, em que analisamos, pelo viés da Análise do Discurso e também dos Estudos Culturais, os modos de posição surda no discurso humorístico. Para isso, fizemos um recorte do vídeo *Surdo no Subway*, mostrando com os saberes constroem categorias de surdez. Por uma questão de delimitação, escolhemos analisar a seção em que o Surdo, após conseguir o lanche gratuitamente, sai do estabelecimento e se encontra com um grupo de Surdos na rua. Os fotogramas a seguir fazem parte da segunda cena do humor *Surdo no Subway* e a narrativa cômica se encerra com esse encontro e a ida do casal de Surdos ao estabelecimento de *fast-food* no intuito de também conseguir um lanche de modo gratuito.

Neste tópico analisamos os enunciados inerentes a surdez que traz um outro tipo de saber que é o antropológico e, também jurídico. Nesta parte da análise, além dos aspectos discursivos, trouxemos os recursos linguísticos da Libras, com base nos livros *Estudos linguísticos da Libras* (QUADROS; KARNOPP, 2004) e *Libras* (QUADROS, 2019).

Na análise dos sinais, enfatizamos parâmetros fonológicos, são elas: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação da Mão (OM), Movimento (M) e Expressões Não-Manuais (ENMs). Essas composições de signos são chamadas de *Parâmetros* e compõem a estrutura fonológica do sinal em Libras.

Ao voltarmos à cena enunciativa, vemos que esses personagens estão na ordem do discurso cultural e identitário da surdez - denominado por Skliar (2016) de discurso socioantropológico, em que eles dominaram um saber que facilitou a interação entre a comunidade surda. Para a descrição da segunda parte, delimitamos o Surdo que foi atendido como Surdo 1, o Surdo de camiseta azul de Surdo 2, o de camisa cinza, Surdo 3 e a mulher com a criança de mãos dadas é a Surda 4; não mencionamos a criança, pois ela participa como figurante nas cenas.

Após o primeiro desfecho da cena do *Surdo no Subway*, em que o Surdo 1 sai do Subway, há um segundo momento, em que ele encontra um grupo de amigos Surdos na rua e eles se cumprimentam em Libras, como temos nos fotogramas 1 e 1.1:

**Fotograma 1**



**Fotograma 1. 1**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

No fotograma 2, os três Surdos, a esquerda; fazem o sinal de *Oi* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 29 segs.), o que funciona como porta de entrada para a interação em Libras. Um outro enunciado que aparece no canto esquerdo dos fotogramas 1 em diante é o *Curte e Inscreva-se*. Esses enunciados são bases do comentário utilizado pela mídia.

Cabe salientar que nessa segunda fase da cena enunciativa, há a presença das legendas colocadas pelos produtores do vídeo, já que se trata de um diálogo em Libras. Vemos que a legenda é um enunciado da inclusão, visto que está expresso na materialidade do vídeo que circula em espaço virtual público. Esse enunciado só é possível diante a emergência de seu aparecimento, no qual o Surdo também é um consumidor em potencial, tanto dos produtos comerciais quanto das redes sociais e se considerarmos a mídia como uma mercadoria, não se pode mais excluir os “sujeitos com deficiência” dos modos de consumo e produção do capital.

O enunciado legenda só apareceu no vídeo, pois, se trata de uma existência material (vídeo) que foi legalizado perante a lei e chama a atenção do telespectador que não se trata mais de uma interação pantomímica, e sim em Libras. Esse é um enunciado da acessibilidade linguística, demonstrando que esses sujeitos humoristas Surdos lançam mão de uma prática que subjetiva o Surdo, enfatizando que se trata de um sujeito subjetivado pelo discurso da inclusão.

Diante disso, nosso trabalho de descrição focará nos fotogramas e na interpretação linguística e discursiva dessas legendas. Esse enunciado, assim como as curtidas, são rituais do discurso midiático utilizados pelos sujeitos das mídias sociais e que regem o funcionamento econômico desse tipo de material na *internet*. Ele visa chamar o telespectador para participar dessa ordem discursiva como comentador e, não possuir dessas ferramentas denominadas redes sociais (*Facebook, YouTube, Whats.App*) se torna um princípio de exclusão do sujeito no âmbito virtual e social.

Nos fotogramas 2 e 2.1, O Surdo 2 (camisa azul) faz o sinal de *querer* com configuração de mãos “C” deitada para cima, em uma posição neutra e com movimento retilíneo das duas mãos para dentro do corpo), indicando  *você querer...*  e ele continua utilizando o sinal de  *comer e juntos*.

**Fotograma 2**

**Fotograma 2. 1**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Ele enuncia: *Vamos comer junto com a gente?* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 32 segs.) Nesse contexto, o Surdo 2 (de camisa azul) usa a estrutura sintática "*aceitar comer nós juntos?*" e a expressão facial de pergunta (sobrancelhas frígidas e leve inclinação da cabeça para cima). Em seguida, nos fotogramas 3 e 3.1, o Surdo 1 responde: *Obrigado*, e enfatiza *eu acabei de comer no subway, e de graça* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 34 a 2: 37 segs.). O saber linguístico da Libras se configura enquanto enunciado na medida em que ela está sendo produzida em um espaço específico, que é no corpo humorístico. Nisso está articulado a prática do riso. Dito de outro modo, a frase em Libras não é um enunciado, mas um conjunto de sinais situado em corpos diferentes e performatizados pelos desvios de comportamentos.

**Fotograma 3**



**Fotograma 3. 1**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

No fotograma 3, o Surdo faz o sinal de *já* que é formado pela configuração de mão em aberto e os dedos juntos e em um movimento retilíneo de cima para baixo no espaço neutro. Para o sinal de *comer*, no fotograma 3. 1, o Surdo faz a mesma configuração de mão na posição horizontal aproximada da boca e o movimento de fora para dentro. Esse último sinal é caracterizado como motivado, visto que esse signo se associa a ação de ingerir o alimento.

**Fotograma 4**



**Fotograma 4.1**



**Fotograma 4.2**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Nos fotogramas acima, o Surdo faz o sinal de *Subway* formado pela junção da configuração “S” mais “Y” com movimento ondular do dorso da mão de fora para dentro no espaço neutro, em que que a configuração “S” muda para “Y” no processo de movimento. Esses conjuntos de signos disposto nos fotogramas 3. 3.1, 4 e 4.1 e 4. 2 compõem o enunciado: *Já comi no Subway* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 37 segs.).

No âmbito discursivo, o Surdo 1 afirma ter ganhado o lanche com a estratégia utilizada pela falta de interações linguística e atitudinal. Esse enunciado traz um efeito de sentido de que quem detém o saber da Libras é ele e que, neste caso, o ouvinte perde seu poder de persuasão enquanto vendedor. Percebe-se que o sujeito é posicionado enquanto sujeito que detém o saber linguístico, por isso, demonstrou uma expressão de ironia, ao

dizer que o vendedor deu a ele o lanche e ele acaba por incentivar os colegas Surdos a irem também na lanchonete.

Isto fica claro no fotograma 5, quando o grupo de Surdos à esquerda não acredita no que o Surdo 1 diz e estes fazem o sinal de *mentira* (configuração da mão em X ou dedo indicador projetado e dobrado, ponto de articulação na frente do nariz, com movimento semicircular repetidamente com a expressão facial de dúvida, sobrancelhas e mandibular frígidas e compressão leve do tórax para dentro).

No fotograma 5. 1, o Surdo 1 responde ser verdade (faz o sinal de verdade, com configuração de mão direita em “P”, a mão esquerda, mão de apoio e movimento retilíneo) mais a expressão facial de convicção, enunciando: *É verdade*, (DESCONFINADOS, 2016, 2: 44 segs.). Fora do fotograma, o Surdo 1 continua dizendo: “[...] *comi de graça. Nossa, eu tô satisfeito, gostoso*” (DESCONFINADOS, 2016, 2: 45 a 2: 46 segs.).



Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 5.2, os dois primeiros Surdos a esquerda perguntam: *Como? como? Como?* e o terceiro complementa: *de graça?* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 48 segs.) Essa cena remonta um enunciado da infantilidade, em que o sujeito Surdo é visto como transparente nos seus sentimentos e que não mente ou que ele é impulsivo. Ainda esse enunciado traz uma ênfase sinestésica expressa por meio de *satisfeito* e *delicioso*, reforçando que ele conseguiu convencer o atendente a dar o lanche de livre e espontânea vontade (não fizemos o recorte dessa parte).

O discurso cultural da surdez é constituído por enunciados pedagógicos que posicionam o sujeito Surdo dentro de um discurso educacional e econômico, pois, como menciona Andrade (2008), o sujeito só se constitui no enunciado cidadão de direito se ele participa da ordem discursiva educacional e o termo educacional é tratado de maneira ampla. Então, os Surdos que participam da cena, só acionam o poder de reivindicação a partir do momento em que eles se veem capturados por este enunciado do *sujeito composto de direitos* e mais, ainda, um sujeito que participa da ordem discursiva identitária.

Esse tipo de enunciado coloca o Surdo como um sujeito que faz parte do que Foucault (2014a) chama de *sociedade do discurso*, uma condição de funcionamento do

discurso, pois a surdez na perspectiva discursiva socioantropológica está atravessada por um conjunto de regimentos internos que vão além do conhecimento linguístico apenas, mas também estão envolvidos de outras práticas como participar de associações de Surdos, compartilhar de uma rede enunciativa alicerçada pela diferença e da presença de uma cultura própria.

Com base em Foucault (2014a), essa forma de organização do discurso mostra como esse saber acadêmico sobre a surdez faz parte de jogos de poder, em que o Surdo é dominado por esse desejo de manipular o saber e o poder sobre si mesmo e exclui aquele (o atendente do *Subway*) que não sabe Libras e não tem formação na área.

Nesse caso, Foucault (2014a) nos leva a pensar que o modo de posicionar certos discursos sociais em detrimento de outros é uma forma de exercício de poder que visa legitimar esse discurso. Dito de outro modo, compreendemos que o grupo de Surdos sinalizantes e as pessoas que partilham dessa prática são mencionadas como “informadas” - pesquisadores, intérpretes, familiares, entre outros. (GOFFMAN, 2004) e são sujeitos responsáveis por organizar, circular e manter esse discurso, de maneira a restringir a circulação de discursos outros dentro dela mesma, como o saber clínico e o educacional.

O embate entre esses saberes, coloca o discurso socioantropológico da surdez em um espaço definido, como já mencionamos, as associações<sup>1</sup> de Surdos e clubes. Assim,

Outro artefato cultural influente das comunidades surdas é a política, que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos. [...] o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos. Atualmente, um dos maiores objetivos das associações dos surdos é a política, nestas organizações reúnem-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilharem os mesmos interesses em comum, lutando pelos seus direitos judiciais e da cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo Governo (STROBEL, 2008, p. 71-72).

Para entrar nessa sociedade, é necessário que a pessoa entre na ordem de funcionamento dessa associação como um aprendiz e, somente, após um tempo é que se pode falar algo que não é original, mas que já circula, denominado por Foucault (2014a) de doutrinação do discurso (quem pode e o que pode falar).

A maneira como os estudiosos da área linguística fazem a descrição e registros dos sinais da Libras segue um conjunto de regras, em que começa pela seleção das pessoas que irão participar dessa compilação dos sinais, sendo elas, surdas ou não, é necessário que elas tenham um tempo considerável de contato com a língua e a comunidade surda e tenham formação acadêmica na área, esses são alguns rituais para fazer parte do discurso acadêmico e cultural da surdez.

---

<sup>1</sup> No Brasil, há a Federação nacional de Educação de Surdos (FENEIS) é uma associação que visa organizar os movimentos sociais em prol da comunidade surda. Além disso, em nível internacional, há Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf- WFD).

O *discurso gestualista* se contrapõe ao *discurso ouvintista* quando os dois atendentes são posicionados no discurso humorístico, trazendo em seus modos de agir pelo corporal e gestual e que, segundo Strobel (2008, p. 23), ditam “a representação que os ouvintes têm dos Surdos, de maneira a levá-lo a se perceberem como se fosse ouvintes”. Em contrapartida, quando os Surdos se encontram na rua, como demonstrado nos fotogramas escolhidos. Nesses fotogramas, há um modo de subjetivação surda, em que o “encontro do surdo com outro surdo que também usa a língua de sinais se faz novas possibilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimento” (STROBEL, 2008, p. 89).

Esses critérios de seleção dos sujeitos que podem fazer parte da comunidade estão cercados por uma dimensão social e política, em que a pessoa precisa ter fluência e formação acadêmica para ter seus sinais escolhidos para registro para compor um dicionário, por exemplo, perpassa por um efeito discursivo do movimento político Surdo e que compõe o discurso de uma identidade surda.

Os falantes da língua de sinais saem da posição de marginalizados e ocupam um espaço que não é só físico, mas também político. A validade do discurso do sujeito só se dá pelos cursos de nível superior oferecidos na Universidade, dando o reconhecimento científico à língua. Essa forma de organizar o discurso socioantropológico surgiu da reformulação dos títulos de formação oferecidos por meio do Prolibras e educação de nível médio (SKLIAR, 2016). Os dispositivos pedagógicos são apenas um dos meios de consolidar o discurso antropológico da surdez como legítimo.

Sobre isso, Strobel (2008), ao descrever os artefatos que compõem a cultura surda, coloca que o sujeito Surdo como construído fora da perspectiva inclusiva e, Gregolin (2008) afirma que o sujeito é posicionado enquanto um efeito de sentido dentro de uma prática identitária “produzido pela e na linguagem” (GREGOLIN, 2008, p. 81).

Partindo das reflexões de Gregolin (2008), temos ainda um questionamento problematizado por Hall (2014), em que ele discute sobre *quem precisa de identidade?* Essas combinações discursivas presentes no saber clínico e socioantropológico demonstram que a identidade construída por meio do humor ainda é binária, pois responde a uma relação com a exterioridade social, em que os marcadores de identidade ora são biológicos ora são culturais e no caso do Surdo, essa construção acontece simultaneamente colocando sempre em uma crise de identidade.

O humor modula as identidades de modo a tratar a surdez como um problema social identificável e que é tomado em diversos espaços, como o *Subway*, as ruas, a mídia, dentre outros. Saliba, em uma entrevista à *Revista Veja*, assevera que o humor tipicamente brasileiro é composto “pela falta de identidade” (LEVINO, 2011), pois, as coisas só são ditas de maneiras estereotipadas e preconceituosas porque refletem o que não pode ser dito escancaradamente em outros espaços, já que nossa sociedade fora tomada pelo discurso inclusivo.

Saliba (2000, p. 228), ao apresentar a constituição do humor brasileiro, enfatiza que o hibridismo de elementos como “(...) a mistura linguística, a incorporação anárquica de ditos e refrãos conhecidos por ampla maioria da população, a concisão, a rapidez, a habilidade dos trocadilhos e jogos de palavras [...]” deram uma nova roupagem ao discurso

humorístico e, ao nosso ver, contribuem como base de sustentação para os enunciados, pois os sujeitos são capturados pelo que é visual e sensorio, e mais ainda, temporal e espacial.

Diante desses elementos, identificamos na descrição que o enunciado da deficiência *versus* diferença, pelos lócus do estereótipo não está oculto no discurso humorístico. Nos fotogramas 6, 6.1 e 6.2, o Surdo 1 é atravessado por essas formas enunciativas apresentadas quando ele anuncia estar surpreso pela atitude do atendente de conceder o lanche gratuitamente.

Contudo, percebemos que esse dito traz um efeito de sentido de contradição do que o Surdo diz e o que ele fez com o atendente no *Subway*, mostrando que este sujeito Surdo também utiliza de estratégias enunciativas para dizer que o atendente é um ser fácil de ser enganado. Nos parâmetros fonológicos, o Surdo faz sinal de *homem* (fotograma 6) representado pela configuração de mão em C: 12, o sinal de *dar* (fotograma 6.1) com configuração de mão C: 46, com ponto de locação no queixo e movimento retilíneo.



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Nos fotogramas acima o Surdo diz: *O moço me deu de graça, eu fiquei surpresa.* O Surdo aconselha os seus colegas a irem ao Subway ganhar o lanche grátis. O surdo 1 diz: *Vão lá também.* Eles se despedem e falam eufóricos: *Então tchau. Obrigado viu. Falô mano, é nós* (DESCONFINADOS, 2016, 3: 00 min).

É importante mencionarmos que essa cena dos Surdos indo ao Subway para pedir o lanche gratuitamente em Libras é um acontecimento, pois, os Surdos tentam interagir em Libras e o atendente entra em tensão ao estar diante de um grupo de Surdos pedindo o tal lanche grátis que o Surdo 1 havia mencionado. Cabe salientar que, tanto Strobel (2008) quanto Skliar (2016) concordam que toda forma de bem-estar foi construída historicamente como se fosse um direito das classes subjugadas. Contudo, o ato de caridade não pode ser compreendido como um direito fundamental humano. Os autores enfatizam que a crítica ao assistencialismo é uma das pautas de lutas do movimento Surdo e de estudiosos em Direitos Humanos.

O movimento surdo surgiu a partir do posicionamento dos sujeitos Surdos, intérpretes, familiares) contra ao discurso in/exclusivo, em que, além do reconhecimento

linguístico, buscaram resistir às práticas do assistencialismo institucionalizado pelo discurso clínico, jurídico e pedagógico. Nesse contexto, se entendia que a proposta inclusiva lançada pelo governo ainda tinha o enfoque na audição e que a *associação de Surdos* era composta por presidente ouvinte, mas houve uma reviravolta, a partir da luta pelo direito da pessoa surda e da importância da representatividade.

Posteriormente, nos fotogramas 7 e 7.1, os Surdos chegam no *Subway* para pedir o lanche grátis e, no fotograma 7, o Surdo 2 faz o gesto do tamanho do lanche, enquanto a Surda pergunta onde o Surdo 1 conseguiu o lanche grátis e o último Surdo (camisa preta) olha com curiosidade para o colega, esperando pela resposta.

**Fotograma 7**

**Fotograma 7.1**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Nesse trecho, os Surdos vão em direção ao balcão e reivindicam o lanche grátis. Essa é uma posição de subjetivação surda como pedinte ou um sujeito à procura de bem-estar, colocando nesses sujeitos marcas de estigma e estereótipo. Contudo, os Surdos, ao tentar interagir em Libras, remetem ao direito de acessibilidade linguística e de reconhecimento das pessoas subjugadas como um sujeito humano, como trata Organização das Nações Unidas, encontramos trechos do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) (ADORNO, 2010), que diz respeito à diversidade cultural e linguística. Dito de outro modo, os fotogramas apontam para o estereótipo de que o Sujeito Surdo vive de bem-estares, por outro lado, os Surdos buscam ser atendidos em Libras e não conseguir um favor.

Trazer esses documentos e acontecimentos para compreendermos as estruturas narrativas do vídeo, demonstra que a surdez não apenas é um marcador de exclusão, mas também de como esse modo de organização afeta os jogos de relações entre os ouvintes leigos e os Surdos sinalizantes. Como exemplo, no fotograma 7, o Surdo 2 reclama não apenas pelo direito de consumir um produto de graça, mas também de se fazer entendido na Libras, pois, embora esse dito não esteja explícito, o Surdo 2 (blusa azul) se utiliza de sinais que compõem a Libras, como sinal de querer e, em seguida faz um sinal icônico para o lanche (configuração de mão em L: 24) juntamente com a expressão facial de pergunta, levantando a sobrancelha em expressão de questionamento.

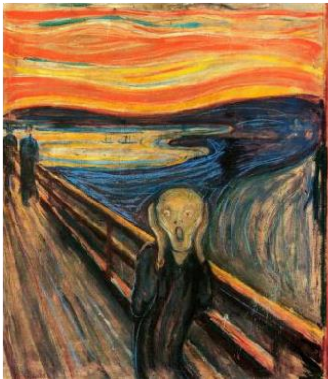
No fotograma 7.1, o atendente I reaparece na cena, como no primeiro fotograma, demonstrando que ele se posiciona como o sujeito ouvinte que não domina o saber - Libras e se vê em uma situação de desespero, expresso na expressão facial uma e como a passada de mão direita na cabeça, balançando-a e dizendo: *Eitaa* (DESCONFINADOS, 2016, 3:09 a 3:12 segs.).

Este gesto manual do atendente I descreve o sujeito como alguém que está desesperado por não saber interagir em Libras (fotograma 8), como é representado nas pinturas *O grito*, de Edvard Munch e *O homem desesperado*, de Gustave Coubert.

**Fotograma 8**



**Imagem 1- O grito**



**Imagem 2- O homem desesperado<sup>2</sup>**



**Fontes:** (DESCONFINADOS, 2016; MUNCH, 1893; COUBERT, 1943-1945).

Destacamos, com base em Courtine (2011; 2013), que as telas emergem em determinado momento histórico, produzem efeitos de sentido sobre o corpo do sujeito desesperado ou até louco. Em relação ao fotograma 30 e às pinturas, elas inscrevem o corpo em uma historicidade, em específico, os gestos. Isso significa que, as expressões não-manuais e gestuais estão em uma cadeia de outras imagens que também inscrevem o sujeito pela formação discursiva clínica, mostrando que as imagens possuem efeitos de sentidos que é histórico e discursivo sobre um corpo visível.

Não existe uma imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vista ou simplesmente imaginadas. *A intericonicidade supõe, portanto, relacionar conexões de imagens: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita numa série de imagens, uma arqueologia, à maneira do enunciado numa rede de formulações [...]; mas também imagens externas, que supõem a consideração de todo catálogo memorial da imagem junto ao indivíduo [...].* (COURTINE, 2013, p. 43-44, grifo nosso).

<sup>2</sup> O conceito de fotograma se refere ao congelamento (captura) de imagens em movimento enquanto que a imagem é um elemento estático.

Somado a esta questão, Courtine (2013) traz a noção de intericonicidade para explicar que as imagens possuem relação com a exterioridade e com uma memória coletiva sobre o corpo de um sujeito. Portanto, o atendente é constituído como aquele que perde o equilíbrio emocional frente a situação configurada pela tensão do olhar e com as mãos sobre a cabeça. O gestual é retomado pela memória e pela relação interdiscursiva, ou seja, é a dispersão do discurso da loucura, em que as imagens das duas pinturas estabelecem uma relação de semelhança gestual e facial com o fotograma 30, pois “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um ‘sempre já’ da imagem” (COURTINE, 2013, p.43).

É nesse movimento de descrição da cena do humor em associação com outras materialidades que podemos, com base em Foucault (2019), propor as relações entre os enunciados, em que as pinturas podem se construir enquanto tal, pois elas são marcadas pela “dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços” (FOUCAULT, 2019, p. 31). Com isso, o enunciado gestual do atendente é constituído por um já-dito que tem uma memória coletiva, visto que é uma prática social que está no curso da história, mostrando que o sujeito é categorizado não apenas pelas condições físicas, mas também emocionais e comportamentais.

O sujeito que não sabe Libras interage por gestos, podendo dizer que tem valor estereotipado, constituindo-se enquanto prática discursiva que estão dispersos em diversos campos discursivos, como o educacional, econômico e clínico, por exemplo, e que é reproduzido no âmbito social. O discurso humorístico surge como uma condição emergente de reaparecimento de alguns enunciados de preconceito e estereótipo acerca do objeto surdez e de crítica de precarização dos discursos de inclusão.

Cabe salientar que há formas enunciativas que só são possíveis de aparecerem no humor, já que este é um campo, em que o foco não está em quem diz, mas no que e como se enuncia algo. Desta forma, vemos que o discurso humorístico “[...] não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo” (SALIBA, 2000, p. 15). A cena humorística trata dos princípios de exclusão exposta pelo não saber Libras e essa relação é permeada por conjunto de características do sujeito ouvinte (homem, branco, patriarcal) que exerce o poder por meio da mimetização, por outro lado, o Surdo entra nesse jogo de sujeito excluído para tirar vantagem, sendo um modo de exercer poder também.

Essa noção é notória, visto que a narrativa se inicia e termina com o mesmo sujeito atendente I (fotograma 8), posicionado como aquele que não faz parte de um discurso específico da surdez que é o discurso socioantropológico e que o coloca em uma situação de vazio por não saber lidar com a situação e que muito bem é expresso nas imagens 1 e 2.

A figura do sujeito Surdo enquanto um coitado e marginalizado é desconstruída por meio do cômico. Para Amaral (1998), o fato de relacionar a deficiência com a personalidade do sujeito (herói, vítima e vilão), e categorizar o sujeito como “coitado”, é dizer que ele (o sujeito) é vilão.

Desta forma, compreendemos que tanto o sujeito que não sabe Libras (atendente I e II) são subjetivados como solidários/vilão a partir dos saberes impostos no social, ou seja, eles ocupam “diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2019, p. 66): sujeito da inclusão, sujeito ator (humorista), *Youtuber*, sujeito social e outros.

A surdez, tratada no humor, está associada não apenas à dificuldade auditiva, mas também às diferenças sociais e culturais. O Surdo é visto como um sujeito anormal pelo fato de não se comportar segundo os padrões exigidos pela norma da sociedade, como oralizar, reprimir desejos e ideias, ou seja, é marcado pela diferença com o que é visual e espacial e, além disso, ser Surdo significa “não ser humano” (SKLIAR, 2016, p. 21). Enquanto ser ouvinte, mesmo não sabendo Libras, é ser um sujeito cidadão, pois partilha de relações pautadas pelas *diferenças nas diferenças* (LOPES, 2009) – é entender que o sujeito à igualdade e equidade se instaura a partir do momento que se reconhece que não somos iguais no que tange à origem, crenças e hábitos. E ainda dentro dessa diferença social, há a diferença significativa que é aquela que foge do padrão de normalidade convencionalizados por determinados grupos ou sociedade civil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi movido pela vontade de analisar os modos como o sujeito Surdo é subjetivado pelo saber linguístico no meio midiático, em específico no campo do discurso humorístico. Tivemos a preocupação em apontar como o sujeito Surdo é posicionado pelos enunciados carregados ora por política de inclusão, ora, por discurso da identidade. Mostramos, também, como o sujeito que não sabe Libras está nesse jogo de in/exclusão.

Com base nesse objetivo, realizamos a escolha de um vídeo que se chama *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados* publicado na plataforma do YouTube em 2016. Cabe enfatizar que a escolha do meio midiático como base de obtenção de dados se deu pela “emergência” de sua popularização entre o público jovem e adulto, pois, ambos os vídeos ao abordarem o tema surdez de uma forma bem-humorada, despertou um olhar mais contemplador nos telespectadores, gerando audiência.

Quanto ao recorte dos vídeos, fizemos a construção de fotogramas das imagens por meio da ferramenta de captura e de transcrição dos áudios. Ainda nos apropriamos da Análise do Discurso de linha francesa, em específico a base teórica-metodológica proposta por Michel Foucault. O intuito desse trabalho foi, mais do que descrever apenas os modos de representações estereotípicas sobre a surdez no discurso humorístico, buscamos analisar quais são e como os jogos de saber-poder constituem a posição do sujeito Surdo no discurso humorístico.

No processo de descrição e interpretação dos enunciados e das cenas enunciativas (fotogramas), o Surdo é mencionado como um objeto carregado de discursos epistemológicos e sociais. Refletimos sobre a relação objeto e sujeito no limiar da performance humorística e sua implicação na subjetividade identitária surda. Com essa proposta, deixamos de lado, os comentários dos internautas abaixo dos vídeos e a análise aprofundada do segundo vídeo, pois, são dados para um trabalho futuro.

Sabemos que humor faz parte da constituição cultural da sociedade contemporânea e que se faz como um arcabouço de formação de saberes. Contudo, descrevemos como os saberes são postulados como verdades e verificar quais são as forças de embates que constroem a base do discurso humorístico em relação a outros campos dos saberes.

Identificamos que o humor subjetiva o Surdo enquanto um sujeito da inclusão, que precisa ser posicionado para ter aceitabilidade enquanto cidadão de direito, e como instituir o Surdo em diversos saberes, como jurídico, econômico, educacional, que se constituem como saberes linguístico e identitário da Surdez, colocando a Libras como um dispositivo de produção de enunciados políticos, sociais e culturais sobre o sujeito surdo.

Nessa rede discursiva, identificamos que, embora haja a presença dos estereótipos e estigmas sobre esse sujeito no âmbito linguístico, corporal e moral, o poder é visto no modo como o Surdo interage com as discursividades preconceituosas que os atendentes dispõem dele, destacando que são nas micro relações entre os personagens do humor e o Surdo na cena, enquanto um saber, aparece como parte do discurso antropológico da surdez e como um dispositivo de sátira.

Trouxemos, também, outras materialidades (corporais, atitudinais, institucionais, entre outros) que estão em um campo associativo e que também descreve a surdez como um objeto visto sobre diversas perspectivas, assim, produzindo modos de subjetividade surda. Nesse sentido, entendemos que a posição de sujeito é algo concreto, pois, existe a partir de algo social e material.

O termo identidade não é visto como um saber homogêneo e pronto, mas como um enunciado carregado por práticas de linguagem e constrói *posições de subjetividades surdas*, ou seja, quando o Surdo se posiciona a partir de um mundo visual permeado de práticas culturais (reuniões em associações, uma literatura própria, um modo de ser surdo, entre outros) ele exerce poder ao delimitar seu posicionamento no discurso e nas relações cotidianas.

Em um primeiro momento, no vídeo, o Surdo parece estar sendo submetido pelas práticas de oralização e gestualização, mas percebemos que essa relação de submissão é parte de uma estratégia do Surdo em mostrar para os atendentes de quem não tem os saberes linguístico e inclusivo são eles e ainda, se apropria deste discurso de sujeito estigmatizado para obter o lanche de graça, mostrando os atendentes sujeitos vitimizados. Isso significa que a ideia do Surdo em ganhar o lanche é revelada apenas no final do vídeo.

Se ao entrar no *Subway*, o Surdo era considerado a minoria linguística e os atendentes satirizaram a maneira como ele interagira em Libras, a cena se reverte e o Surdo passa a ser a maioria quando encontra seus amigos Surdos na rua e interage com eles em Libras, contando –lhes que ele ganhara o lanche gratuitamente e que eles poderiam também adquirir. É nessa relação de saber-poder linguístico da Libras que o Surdo enuncia, mostra que ele não é um *sujeito com deficiência*, como o atendente o inscreve, mas ele coloca o atendente como o sujeito que possui dificuldade de compreensão.

Pensando nestas perspectivas discursivas, nosso artigo se mostrou relevante ao mostrar que a Libras, mais do que “um meio de comunicação”, ela é o próprio corpo em processo de interação social e ela produz efeitos de sentido sobre o sujeito Surdo no meio midiático humorístico.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. História e Desventura: o 3º. Programa Nacional de Direitos Humanos. *Novos Estudos CEBRAP* 86, março de 2010, p. 5-20.
- AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. Coordenação de Julio Groppa Aquino (Org.). São Paulo: Summus, 1998.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, n. 79, Seção 1, de 25/4/2002. p. 23. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=25/04/2002>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. In: *Diário Oficial da União*, n. 246, Seção 1, de 23/12/2005. 28pp. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?Jornal=1&pagina=28&data=23/12/2005>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- COUBERT, Gustave. *O autorretrato do homem desesperado*. (The Desperate Man Self-Portrait). [1943-1945]. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/gustave-courbet/o-homem-desesperado-pelo-medo-1844>. Acesso em: 12 out. 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: *Discurso, semiologia e história*. Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Vanice Sargentini (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.
- COURTINE, Jean-Jacques. Corpo, Discurso e imagens: entrevistas. In: *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 10-46.
- DESCONFINADOS. *Surdo no Subway*. (3 min. 13s.), son., color. Publicado dia 24 de outubro de 2016. [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYFPHO03CSI>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves, 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado? *Revista Estudos de Língua (gem)*, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, jun./2008, 81-97p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEVINO, Rodrigo. Humor brasileiro reflete a nossa falta de identidade, diz historiador. In: *Revista Veja* [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/humor->

- brasileiro-reflete-a-nossa-falta-de-identidade-diz-historiador/. Acesso em: 16 set. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/humor-brasileiro-reflete-a-nossa-falta-de-identidade-diz-historiador/>
- LOPES, Maura Corcini. Inclusão como política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTIGE, Morgana Domênica (Orgs.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- MUNCH, Edvard. *O grito*. [1893]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Grito](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito). Acesso em: 12 out. 2020.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, *Lodenir*. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. Editores científicos Tommaso Raso e Celso Ferrarezi Jr. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística do dilema brasileiro - da belle époque aos primeiros tempos do rádio*. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.